



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE PEDAGOGIA**

**EDILENE DOS SANTOS RIBEIRO**

**O ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL PARA ALUNOS DOS ANOS INICIAIS:  
CONCEPÇÕES TEÓRICAS NA PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA**

**ABAETETUBA/PARÁ**

**2021**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE PEDAGOGIA

EDILENE DOS SANTOS RIBEIRO

**O ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL PARA ALUNOS DOS ANOS INICIAIS:  
CONCEPÇÕES TEÓRICAS NA PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA**

Artigo apresentado durante o Ensino Remoto Emergencial (ERE) à Faculdade de Educação e Ciências Sociais (FAECS) da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, como requisito para a obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientação: Prof. Dra. Maria do Socorro Pereira Lima

ABAETETUBA /PARÁ

2021

EDILENE DOS SANTOS RIBEIRO

**O ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL PARA ALUNOS DOS ANOS INICIAIS:  
CONCEPÇÕES TEÓRICAS NA PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA**

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Prof. Dr. Maria do Socorro pereira Lima – Orientadora FAECS

---

Profa. Dra. Mariza Felipe Assunção – Membro Interno FAECS

Apresentado em: 22/02/2021

ABAETETUBA/PA  
2021

Dedico este trabalho aos meus pais, que sempre estiveram ao meu lado, incentivando, ajudando, sendo meus guias e minha inspiração. Amo vocês!

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus por toda benção que me é proporcionada, por guiar meus passos, me dar forças e jamais me desamparar.

À minha família, por acreditar em mim, por toda ajuda oferecida e pelas palavras de incentivo. Agradeço em especial aos meus pais, Nivaldo e Lenir, por serem pais maravilhosos e que todos os dias me servem de exemplo de como seguir em frente dando o melhor de mim.

À minha orientadora Maria do Socorro Pereira Lima, por todo conhecimento compartilhado, por sua paciência, dedicação e todo auxílio que fez com este trabalho fosse possível, minha eterna admiração e gratidão.

Aos meus amigos, Larissa Santos e Rafael Barreto, que sempre estiveram ao meu lado. Muito obrigada pela amizade incondicional, por todo apoio e motivação.

Às minhas amigas que a Pedagogia me deu: Éden Taynara, Ellen Maués, Jéssica Lanna, Jocilene Rodrigues, Kézia Anjos e Renata Ferreira, por todo o companheirismo, respeito e amizade que construímos ao longo desses anos, foi uma honra compartilhar de tantos momentos inesquecíveis.

Enfim, a todos aqueles com quem convivi ao longo desses anos de curso, que me incentivaram e que contribuíram para minha formação acadêmica.

Muito obrigada!

## RESUMO

O ensino de história nos anos iniciais do ensino fundamental tem se distanciado da realidade de fatos importantes para a formação crítica de alunos ainda crianças no processo de escolarização. Com base nesta afirmativa, esta pesquisa objetiva refletir sobre o ensino de história local para crianças dos anos iniciais, a partir de referenciais que tratam sobre o ensino da história local na escola, especificamente, em classes dos anos iniciais. A pesquisa problematiza a ausência da história local no currículo escolar das crianças dos anos iniciais. A pesquisa é de natureza bibliográfica e está delimitada no contexto político e educacional do século XXI. No processo de discussão e análise das bibliografias consultadas, verificou-se que historicamente, é recorrente o ensino de história para crianças estar pautadas nas informações dos livros didáticos, o que demonstra o professor dos anos iniciais ainda está preso a um currículo tradicional que não trabalha a realidade do lugar onde os alunos estão inseridos, ainda que tantos os PCNs quanto no documento da BNCC orientam para que seja feita esta relação entre os alunos e a cidade, ao patrimônio histórico e cultural, aos fatos do passado, às memórias e histórias do lugar, etc. No entanto, as perspectivas teóricas estudadas, apontam que ainda existam marcas do ensino tradicional e decorativo, esse cenário vem mudando aos poucos, e muito ainda pode ser mudado a partir do momento em que professores de história promovam um ensino crítico, em especial, no que se refere à formação dos alunos dos anos iniciais, para que conheçam e compreendam a história local e todo o seu acervo, de modo que os alunos possam se sentir inseridos, como sujeitos da interação coletiva.

**Palavras-chave:** Ensino da História Local. Crianças dos Anos Iniciais. Identidade

## **ABSTRACT**

History teaching in the early years of elementary school has been distancing itself from the reality of important facts for the critical formation of students still children in the schooling process. Based on this statement, this research aims to reflect on the teaching of local history to children of the early years, based on references that deal with the teaching of local history at school, specifically, in classes of the early years. The research questions the absence of local history in the school curriculum of children in the early years. The research is bibliographic in nature and is delimited in the political and educational context of the 21st century. In the process of discussion and analysis of the bibliographies consulted, it was found that historically, history teaching for children is based on information from textbooks, which demonstrates the teacher of the early years is still stuck with a traditional curriculum that does not work the reality of the place where the students are inserted, although both the PCNs and the BNCC document guide the relationship between the students and the city, the historical and cultural heritage, the facts of the past, the memories and stories of the place, etc. However, the theoretical perspectives studied, point out that there are still marks of traditional and decorative teaching, this scenario has been changing little by little, and much can still be changed from the moment that history teachers promote critical teaching, especially in the which refers to the training of students in the early years, so that they know and understand the local history and its entire collection, so that students can feel inserted, as subjects of collective interaction.

Keywords: Teaching Local History. Children of the Early Years. Identity

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>10</b>
<b>3 O ENSINO DA HISTÓRIA LOCAL NA ESCOLA .....</b>	<b>11</b>
<b>3.1 A História Local e seus pressupostos.....</b>	<b>14</b>
<b>3.2 A História Local e a construção de identidades .....</b>	<b>22</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>24</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>25</b>



## 1 INTRODUÇÃO

Ao observar o ensino de história em turmas dos anos iniciais do ensino fundamental de escolas públicas, por ocasião de práticas de estágios oportunizadas por diferentes disciplinas do curso de Pedagogia, pude perceber que o ensino de História para crianças dessas turmas onde estagiei, que pouco se relaciona ao contexto político de onde emergem fatos e acontecimentos sugestivos à construção de uma visão reflexiva do sujeito em formação, assim como do próprio professor que se limita a ensinar conteúdos tradicionais pautados nos currículos escolares que fragmentam os fatos históricos limitando-os apenas aos que estão prescritos nos livros didáticos.

Possivelmente esta postura docente esteja associada a uma concepção de que a criança deva ser poupada de discussões mais amplas sobre questões que alimentam a história do Brasil. Isto demonstra o quanto o currículo escolar ainda é limitado quanto ao ensino de história para crianças, distanciando-a da realidade de fatos importantes para a sua formação crítica. Outro fator que também exerce grande influência nessa formação das crianças e no uso da história local é a deficiência na formação do professor. Com base nessas observações, constatei a necessidade de fazer um estudo mais aprofundado sobre o ensino de história para crianças dos anos iniciais, tendo como base as teorias que discutem essa temática, pois, como professora deste segmento de ensino, percebo o quanto é importante o ensino de história desde os primeiros anos de formação escolar, de modo a desenvolver nas crianças a visão crítica dos fatos e que não se limitam apenas ao espaço geográfico, heroísmo e datas comemorativas.

Outra questão que me chamou a atenção foi a ausência da história local, a cultura, o patrimônio, hábitos e costumes, história das brincadeiras, entre outros elementos identitários do cotidiano da criança nos conteúdos das aulas de história, sabendo que a história do lugar onde as crianças estão inseridas é potencialmente apropriada para despertar nelas o interesse por conhecer as realizações humanas produzidas no seu espaço de convivência, na sua cidade, na sua região.

Como base nesta problemática que considero fundamental para o desenvolvimento crítico das crianças, de modo que elas possam descobrir suas ações cotidianas, se perceberem como sujeito num espaço histórico e entender a participação das gerações passadas para a constituição do presente, é que

desenvolvi esta pesquisa sobre o ensino da história local para crianças dos anos iniciais, cujo principal objetivo foi fazer uma análise reflexiva sobre o ensino de história local para alunos dos anos iniciais, tendo como principal fonte de consulta a produção bibliográfica que situa o debate sobre a questão no contexto político e educacional do século XXI.

Neste sentido, o artigo caracteriza a opção metodológica e seguidamente, delinea a discussão teórica sobre o ensino da história local que transita também pela documentação legal.

## **2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

A pesquisa foi realizada seguindo os critérios de pesquisa básica do tipo bibliográfica, de abordagem qualitativa. O levantamento bibliográfico clama por um planejamento, sendo primordial explicitar-se em linguagem verbal escrita e qual é a temática que se será abordada na pesquisa científica. Neste caso, como o estudo tem caráter teórico e busca fazer uma análise reflexiva do ensino da história local para crianças nos anos iniciais, depende das discussões feitas por diferentes estudiosos sobre o tema.

Conforme Marconi e Lakatos (1992), a pesquisa bibliográfica é o levantamento de toda a bibliografia já publicada, em forma de livros, revistas, publicações avulsas e imprensa escrita sobre determinado tema. A sua finalidade é fazer com que o pesquisador entre em contato direto com todo o material escrito sobre o assunto de seu interesse, auxiliando-o na análise de suas pesquisas ou na manipulação de suas informações. Sendo assim, uma pesquisa bibliográfica pode ser desenvolvida como um trabalho em si mesmo ou constituir-se numa etapa de elaboração de monografias, dissertações, etc. Dessa forma, seguiu-se o seguinte roteiro de trabalho:

- A- Exploração das fontes bibliográficas: livros, revistas científicas, teses, relatórios de pesquisa entre outros, que contêm não só informação sobre a temática, mas indicações de outras fontes de pesquisa;
- B- Leitura do material conduzida de forma seletiva, retendo as partes essenciais para o desenvolvimento do estudo, ou seja, filtrar as informações com elaboração de fichas das partes mais relevantes sobre o objeto de estudo;

- C- Ordenação e análise das fichas: organizadas e ordenadas de acordo com o seu conteúdo, conferindo sua confiabilidade;
- D- Conclusões: obtidas a partir da análise dos dados. No decorrer deste artigo, há o posicionamento crítico sobre o que foi constatado. Através da pesquisa bibliográfica, torna-se possível fazer uma análise reflexiva da problemática do ensino de história para crianças dos anos iniciais.

Para dialogar e embasar essa pesquisa, foram utilizados alguns autores, sendo os principais Fonseca (2004), Bittencourt (2009), Oliveira (2003), Barros (2013), Barbosa (2006), Neves (1997). Outros também foram consultados como apoio às ideias abordadas, entre eles Brandão (2007), Borges (2000), Gonçalves (2007), Candoti (2013). Foram consultados alguns documentos em que esta pesquisa está inserida, que são os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (1997), em específico sobre História nos anos iniciais do Ensino Fundamental e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

### **3 O ENSINO DA HISTÓRIA LOCAL NA ESCOLA**

A partir da leitura da obra *História & o Ensino de História* de Fonseca (2004), constatou-se a evolução do papel da história como disciplina escolar no decorrer do tempo na sociedade, em especial, na educação elementar desde a constituição do Estado brasileiro, começando no Brasil Imperial, com o Decreto das Escolas de Primeiras Letras, voltada para uma formação moral cristã para a população. A história que era ensinada estava ligada à História Sagrada, prevalecendo a presença do ensino religioso no currículo escolar, visando legitimar a ligação entre Estado e Igreja, além de ser aplicada juntamente com o ensino da Geografia.

Já no final do século XIX, com a abolição da escravatura, a instauração da República, tiveram novos desafios políticos. O regime republicano defendia o nacionalismo patriótico, buscando inserir a nação num espírito cívico, patriota. Com isso, o afastamento do sagrado da história consolidou-se, no qual o Estado passou a ser visto como o principal agente histórico da civilização. A história nacional passou a ser conhecida como História Pátria, tendo o papel de enfatizar tradições de um passado uniforme, dando destaque para feitos gloriosos de personagens históricos marcantes nas lutas pela defesa da pátria, uma fase nacionalista.

Com o advento do processo de industrialização e urbanização, se repensou sobre a inclusão do povo brasileiro na História. Teve um embate no qual de um lado alguns atribuíam as razões do atraso econômico do país ao predomínio de ter uma população mestiça e de outro chamavam a atenção para se buscar conhecer a identidade nacional, suas particularidades culturais em relação aos outros países.

O período da Segunda Guerra Mundial, até o final dos anos 70, foi marcado de lutas pela especificidade da História e pelo crescimento dos Estudos Sociais no currículo escolar. Dois momentos ganharam destaque nesse processo, sendo eles a democratização do país com o fim da ditadura Vargas e o governo militar. Logo após a guerra, a História passou a ser considerada, internacionalmente, como uma disciplina expressiva na formação de uma cidadania para a paz, tendo cuidados específicos tanto na organização curricular quanto na produção dos materiais didáticos. Já no âmbito nacional, surgiram propostas para a reformulação do ensino de história, entre elas uma que “[...] propunha um ensino de História voltado para a análise da sociedade brasileira, reconhecendo seus conflitos e abrindo espaço para as classes menos favorecidas como sujeitos da História” (FONSECA, 2004, p. 60). Contudo, a demora dessa implementação, fez com que muitos professores elaborassem seu próprio currículo e várias formas de se ensinar foram feitas ao redor do território brasileiro.

No entanto, o que se destacou durante esse período do regime militar, foi o plano do ensino fundamental que substituiu as disciplinas de História e Geografia por Estudos Sociais. Essa proposta voltava a mudar o foco da disciplina, que perdia o caráter nacionalista e adotava uma visão norte-americana nos currículos brasileiros. Mas no decorrer dos anos 70, as lutas de profissionais da educação, ganharam destaque com o crescimento das associações de historiadores e geógrafos que se abriram aos educadores e sua participação no combate pela volta de História e Geografia aos currículos escolares.

Com o processo de democratização nos anos 80, os conhecimentos escolares passaram a ser discutidos e redefinidos por reformas curriculares através de políticas educacionais. As transformações do público escolar que era composto de diferentes grupos sociais pediam mudanças no espaço escolar. Esse novo público de alunos habituou-se à presença de novas tecnologias de comunicação, sobretudo o rádio e a televisão. Com isso, mudanças no currículo eram necessárias e os professores tornaram-se uma importante voz na configuração do saber escolar,

diminuiu, portanto, o poder dos chamados técnicos educacionais. Com esse contexto, iniciaram-se debates sobre o retorno da História e da Geografia ao currículo escolar a partir dos anos iniciais de escolarização.

Como fica evidente nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (BRASIL, 1997):

Os historiadores voltaram-se para a abordagem de novas problemáticas e temáticas de estudo, sensibilizados por questões ligadas à história social, cultural e do cotidiano, sugerindo possibilidades de rever no ensino fundamental o formalismo da abordagem histórica tradicional (BRASIL, 1997, p. 24).

Em paralelo com as análises e mudanças historiográficas, sucederam novos estudos no âmbito das ciências pedagógicas, com destaque para a psicologia cognitiva e social. Através dela foi difundido estudos sobre o processo de ensino e aprendizagem nos quais os alunos eram considerados como participantes ativos do processo de construção do conhecimento. Esse ponto de vista para o ensino de História destaca a valorização dos modos do sujeito como construtor de sua história, indo de acordo com a visão dos educadores construtivistas.

Com isso, os currículos foram expandidos, tendo o conteúdo de História abordado pelas escolas a partir da educação infantil e nos primeiros anos do ensino fundamental. Quando se foi questionado de que modo se daria esse ensino, por onde ele ia ter início, alguns educadores optaram por uma ordem sequencial, indo da antiguidade até os dias atuais, enquanto outros optaram por trabalhar com temas e, nessa perspectiva, desenvolveram-se as primeiras propostas de ensino por eixos temáticos.

Desde então, os métodos tradicionais de ensino, os livros didáticos e seus conteúdos passaram por muitos questionamentos, fazendo com que o ensino de História estivesse constantemente sofrendo mudanças em seu conteúdo e método, com o reconhecimento de que a história não pudesse ficar distante dos interesses do aluno e nem de sua realidade, nem ficar presa por discursos de livros didáticos, mas que devesse fornecer uma contribuição ao desenvolvimento de sujeitos conscientes, capazes de reconhecer a História como um conhecimento formador de identidades.

### 3.1 A História Local e seus pressupostos

A Educação é constituída no interior das sociedades e, ao mesmo tempo, atua nos processos de constituição ou transformação das relações de pessoas e instituições sociais. Conforme afirma Brandão (2007, p. 9): “Não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a sua única prática e o professor profissional não é o seu único praticante”. Nesta perspectiva, entende-se que a educação, portanto, não está delimitada pelos muros e programas das instituições escolares. Muitas atividades de caráter cultural e relevantes educacionalmente são praticadas fora do âmbito escolar, constituindo uma identidade tanto para o local em si quanto para o povo que faz parte desse lugar e que também constituem sua história.

Dessa forma, segundo afirma Neves (1997) a história de um lugar pode ser entendida através de seus vários atributos, sejam eles econômicos, físicos, sociais, culturais, os quais são manifestos nas práticas e saberes de seu povo que constituem seus patrimônios materiais e imateriais. Conhecer essas características, esses patrimônios, requer buscar nas memórias do lugar elementos da sua própria identidade.

Para se conhecer uma cultura, a história de um determinado povo, precisa da construção eficaz de uma educação que venha abordar suas características de forma correta, para não gerar confusão, pois o conceito que se é formado de outros povos, e do mesmo estudado, está associado à história que se é ensinada na educação básica. Com isso destaca-se a importância da história, que segundo Borges (2000), tem o papel de fornecer a sociedade uma explicação sobre ela mesma e suas transformações ao longo do tempo.

Sendo assim, antes de se analisar como o ensino da História sob a perspectiva local poderia estar impactando na formação dos educandos, se faz necessário primeiramente investigar acerca de que tipo de História é a “História Local”. De início, pode-se afirmar que o local em questão não se restringe ao local como o espaço geográfico menor e limitado ao nacional ou global. Há peculiaridades quando se trata do “local” que são apresentadas pela própria Geografia, e assim também ocorre nas especificidades metodológicas da construção de uma História Local. Nesse sentido, o local vem a ser mais do que o recorte de um todo. Ele é um

lugar de sociabilidade onde o conjunto de experiências dos sujeitos individuais e coletivos se desenvolvem em relação de complementaridade, favorecendo o diálogo entre o passado, presente e futuro (GONÇALVES, 2007).

De acordo com Bittencourt (2009), um dos princípios que constituem a História Local é possibilitar um olhar indagador sobre o mundo, um olhar sobre a questão do pertencimento, no intuito de buscar saber mais sobre o sentido do que se vive. Seja como conteúdo ou como recurso didático, abordar a dimensão local na construção do conhecimento histórico contribui para o desenvolvimento de uma atitude investigativa que pode iniciar sua construção no meio familiar e aos poucos se expandir. E tudo pode se dá através das histórias que integram o cotidiano.

Há uma grande diversidade cultural e histórica no país, sendo por sua extensão territorial e pela história de seus povos. As diferenças sociais e econômicas da população brasileira geraram várias formas de registros históricos, sendo estes nem sempre de forma escrita, pois nem todos tiveram acesso a esse método. Sendo assim, como sugere Oliveira (2003), o trabalho pedagógico demanda o estudo de outros materiais, como imagens, relatos orais, narrativas, objetos, etc., que são capazes de transformar em ferramentas de construção do saber histórico escolar. Ao lidar com esses materiais, percebe-se que através deles é possível a reconstrução de uma história local parcialmente desconhecida, desvalorizada ou esquecida.

A escola, a qual tem por missão formar o cidadão para a sociedade, muitas vezes acaba esquecendo que essa formação começa a partir da valorização do local, do regional, para então remeter-se ao cenário maior, ao nacional.

O professor que vai trabalhar com os anos iniciais precisa introduzir as noções básicas das disciplinas de Português, Matemática, Ciências, História e Geografia aos alunos oriundos de realidades sociais diversas, os quais são lançados a um mundo de conceitos que são diferentes do mundo concreto onde foram criados até então. Entende-se que o professor será o guia na jornada da aprendizagem desses alunos, que além dos conteúdos escolares, eles irão também aprender a viver em grupo e a socializar fora do ambiente familiar ou comunitário.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) contempla o ensino de História desde o 1º ano com a construção do sujeito, o reconhecimento do “Eu”, do “Outro” e do “Nós”, momento em que a criança começa esses conceitos e passa a adquirir habilidades de compreensão e significado ao selecionar situações cotidianas que

remetam à percepção de mudança, pertencimento e memória. Já em específico para o conteúdo de história para o 3º ano do primeiro ciclo do ensino fundamental que podem ser aliados ao ensino da história local, a BNCC propõe trabalhar:

- **As pessoas e os grupos que compõem a cidade e o município**, tratando do “Eu”, o “Outro” e os diferentes grupos sociais e étnicos que constituem a cidade e os municípios, os desafios sociais, culturais, ambientais e os patrimônios históricos que também estão presentes nesse lugar.
- **O lugar em que vive**, identificando os marcos históricos do lugar em que vive e compreender seus significados, os registros de memória na cidade (nomes de ruas, monumentos, edifícios etc.) discutindo os critérios que explicam a escolha desses nomes, estudar a formação cultural da população e aproximações e diferenças da cidade e do campo,
- **A noção de espaços público e privado**, os espaços públicos e privados da cidade e suas áreas de conservação ambiental, mapeando os espaços públicos no lugar em que vive (ruas, praças, escolas, hospitais, prédios da Prefeitura e da Câmara de Vereadores etc.).

Isso também fica evidente nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (BRASIL, 1997) ao ser colocado que:

O conhecimento do “outro” possibilita, especialmente, aumentar o conhecimento do estudante sobre si mesmo, à medida que conhece outras formas de viver, as diferentes histórias vividas pelas diversas culturas, de tempos e espaços diferentes. Conhecer o “outro” e o “nós” significa comparar situações e estabelecer relações e, nesse processo comparativo e relacional, o conhecimento do aluno sobre si mesmo, sobre seu grupo, sobre sua região e seu país aumenta consideravelmente (BRASIL, 1997, p.27),

Para o 4º ano do ensino fundamental, é proposto na BNCC:

- **Transformações e permanências nas trajetórias dos grupos humanos**, onde possa reconhecer a história como um resultado da ação do ser humano no tempo e no espaço, tendo como base a identificação de mudanças e permanências ao longo do tempo. Além disso, discutir suas interferências nos modos de vida de seus habitantes, tomando como ponto de partida o presente.
- **Circulação de pessoas, produtos e culturas**, como a invenção do comércio e a circulação de produtos, passando a identificar e descrever a importância



dos caminhos terrestres, fluviais e marítimos para a dinâmica da vida comercial.

- **As questões históricas relativas às migrações**, analisando os diferentes fluxos populacionais e suas contribuições para a formação da sociedade em que vive, em especial, a existência ou não de mudanças associadas à migração (interna e internacional).

Nesse sentido, o município deveria ser estudado nesses respectivos anos do primeiro ciclo do ensino fundamental, em que seriam explorados seus aspectos físicos, econômicos, institucionais e históricos. Desse modo, a criança irá localizar-se dentro do seu Estado e do seu país; vai aprender a identificar a economia local e também terá contato com a história de seu município. Contudo, muitas vezes o educador é obrigado a adotar livros didáticos que, em geral, são inadequados para o tipo de realidade na qual ele vai trabalhar e que possa abordar os conteúdos da maneira que deveria. Nesse caso, pode haver a transformação desse material em um instrumento positivo de ensino, explorando justamente suas deficiências, podendo também “desfragmentar” esse conhecimento e ir além daquela história que busca apenas introduzir as primeiras noções de socialização, mas uma história que coloque o indivíduo como um ser participante de um todo maior, ter contato com algo mais amplo do que o seu cotidiano.

Nesse sentido, o ensino de História poderá fazer escolha pedagógica capaz de possibilitar ao aluno refletir sobre seus valores e suas práticas cotidianas e relacioná-los com a problemática histórica inerente ao seu grupo de convívio, à sua localidade, à sua região e à sociedade nacional e mundial (BARROS, 2013, p. 301).

Com base nisso, o ensino de história local vem a ser como um ponto de partida para a aprendizagem histórica, pois possibilita trabalhar com a realidade mais próxima das relações sociais que se estabelecem entre o professor, o aluno, a sociedade e o meio em que vivem.

Como pode ser definida:

A História Local é a história que trata de assuntos referentes a uma determinada região, município, cidade, distrito. Apesar de estar relacionada a uma história global, a história local se caracteriza pela valorização dos particulares, das diversidades; ela é um ponto de partida para a formação de uma identidade regional (BARROS, 2013, p. 314)

Nessa perspectiva, Barros (2013) também afirma que

[...] o ensino-aprendizagem da História Local configura-se como um espaço-tempo de reflexão crítica acerca da realidade social e, sobretudo, referência para o processo de construção das identidades destes sujeitos e de seus grupos (BARROS, 2013, p. 318)

Sendo assim, a História Local possibilita a compreensão da realidade contextual em que vive o aluno, identificando passado e presente nos vários espaços de convivência.

Identidade social, por sua vez, implica na consciência que se tem de si mesmo. Essa consciência supõe um reconhecimento do mundo (contexto) no qual se existe e atua. Portanto, por identidade social pode-se entender o reconhecimento de si próprio como sujeito da história (processo). E, na medida em que o sujeito da história é realizador de ações, ele é, também, objeto da história (ciência) (NEVES, 1997, p. 15)

Então, é a partir do local que o aluno inicia a construção da sua identidade social e se torna membro ativo da sociedade. Essa proposta permite que o professor parta das histórias individuais e dos grupos, para assim inserir o aluno em contextos mais amplos.

Para ensinar a disciplina História a partir da experiência de vida do aluno, é necessário que se faça num ponto de vista teórico-metodológico que discorra da individualidade, das memórias e lembranças dos sujeitos de todos os segmentos sociais (Oliveira 2003). Ensinar História requer do professor se habilidade de buscar sentido e significado para o conhecimento que vai ministrar. Isso significa ser mais do que uma mera transmissão de informações, pois essa desfigura a capacidade de pensamento histórico do aluno e a habilidade de análise da própria realidade social.

No processo de aprendizagem de História, Bittencourt (2009) ressalta que o professor é o principal responsável pela mediação do pensar histórico ensinado com a construção da identidade do aluno ao analisar sua realidade. Com isso, uma das principais preocupações do professor é escolher “o que” vai ensinar e depois “como” ele vai executar. Busca-se a coerência entre os objetivos da disciplina e os fundamentos históricos e pedagógicos. Para isso acontecer, ele pesquisa sobre o assunto a ser ensinado, prepara seu material, faz conexão com temáticas anteriores, escolhe qual abordagem utilizar. Nesse sentido, conforme destaca Oliveira (2003), os conteúdos ocupam papel de grande importância no processo de ensino-aprendizagem e sua seleção e escolha devem estar em consenso com as problemáticas sociais que foram marcantes em cada momento histórico. Contudo, muitas vezes um currículo mal estruturado faz com que os temas fujam ao

entendimento dos alunos ou peca na repetição de temas anteriores, fazendo com que o interesse por história decaia.

Diante dessa concepção apontada por Oliveira (2003), o aluno não vai apenas reproduzir o conhecimento adquirido, mas, sim, fazer uma tradução pessoal do que foi ensinado junto às referências e experiências pessoais. Desta forma, o professor deve ter cuidado ao que for ensinado para ajudar o aluno na melhor tradução, evitando que ele não obtenha uma impressão equivocada sobre a história estudada. Neste sentido, o conhecimento histórico não pode apenas ser aprendido pela recepção sem promover a reflexão sobre o mesmo, mas deve-se causar sentido à história, se orientando de acordo com a experiência histórica.

Nos PCNs (BRASIL, 1997) é apontado que os alunos nos primeiros anos de ensino podem apresentar certas dificuldades em aprender questões históricas, pois ainda estarão trabalhando a questão de leitura e escrita, além de terem pouco contato com a noção de tempo histórico. Mas isso pode mudar se esse aluno vier a ter contato com termos associados ao tempo através de contos, fábulas, histórias, estas que utilizam de expressões como: “era uma vez”, “anos atrás”, “há muito tempo”, etc. Essa é uma fase da vida do aluno é marcada pela curiosidade; há bastante energia e vigor físico, com muitas brincadeiras e atividades interativas junto aos meios eletrônicos, principalmente. Nesta fase, a criança se dedica as artes, como desenhos, pinturas, descobre um gosto particular por alguma atividade, como as coleções, e se decida bastante a isso. As crianças são bastante atraídas pelos desenhos animados, quadrinhos, jogos eletrônicos e filmes. Sendo assim, a escola pode fazer dessa atração uma aliada, juntando aos conteúdos trabalhados na história, com os meios que cativam as crianças, na qual a chave para isso é a fantasia, a imaginação e elementos da cultura que possui um grande acervo de mitos, lendas e personagens históricos que podem ser utilizados.

Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (BRASIL, 1997):

Muitas vezes no ensino fundamental, em particular na escola primária, a História tem permanecido distante dos interesses do aluno, presa às fórmulas prontas do discurso dos livros didáticos ou relegada a práticas esporádicas determinadas pelo calendário cívico. Reafirmar sua importância no currículo não se prende somente a uma preocupação com a identidade nacional, mas, sobretudo no que a disciplina pode dar como contribuição específica ao desenvolvimento dos alunos como sujeitos conscientes, capazes de entender a História como conhecimento, como experiência e prática de cidadania (BRASIL, 1997, p.25).

Assim, é notável que não se pode deixar a história presa a fórmulas prontas ou apenas ligada a eventos ocasionais cívicos do calendário. Ela não deve ficar distante dos interesses do aluno, mas contribuir para o seu desenvolvimento enquanto sujeito consciente, participante e construtor da sua história.

Logo, se faz necessário que novas maneiras de ser, conhecer o mundo sejam estimuladas no ensino de história, visando beneficiar a formação do cidadão para que este assuma maior participação social, política e de atitudes críticas diante da realidade que o cerca, aprendendo a discernir limites e possibilidades em sua atuação e transformação da realidade histórica na qual está inserido.

Voltando-se novamente aos PCNs (BRASIL, 1997), vale destacar que:

As informações históricas locais relevantes a serem selecionadas expressam a intencionalidade de fornecer aos alunos a formação de um repertório intelectual e cultural, para que possam estabelecer identidades e diferenças com outros indivíduos e com grupos sociais presentes na realidade vivida [...] E, simultaneamente, permitir a introdução dos alunos na compreensão das diversas formas de relações sociais e a perspectiva de que as histórias individuais se integram e fazem parte do que se denomina História nacional e de outros lugares (BRASIL, 1997, p.36).

Nesta perspectiva o ensino de História nos anos iniciais, deve buscar envolver as crianças num sentido de valorização de sua própria história, promovendo a reflexão do aluno, além de motivá-los a conhecer a história do povo do qual fazem parte, alicerçando-se assim, para a aquisição de história local e do mundo. Sendo assim, estudar a história a partir do lugar em que se vive, utilizando de elementos que estão mais próximos, requer a reflexão para que desta maneira consiga chamar a atenção dos alunos para a organização do lugar onde mora. Os costumes, a maneira de viver de determinados grupos expressa a identidade do lugar e quem cria e modifica o espaço onde se vive são as pessoas e as relações estabelecidas entre elas.

Como elemento característico da adaptação didática do saber histórico para o saber escolar, a história local pode ser vista como estratégia pedagógica. Trata-se de uma forma de abordar a aprendizagem, a construção e a compreensão do conhecimento histórico com conjecturas que podem ser ditas com os interesses do aluno, suas experiências culturais e com a possibilidade de desenvolver atividades diretamente vinculadas à sua vida cotidiana.

Sendo assim, os PCNs, orientam para uma prática pedagógica mais aberta e dinâmica, cujo foco é a formação do cidadão. No entanto, quando se trata da

história local, esta se depara com grandes desafios a serem superados. Um deles é o livro didático, que não fornece elementos que possam ser necessários para auxiliar o professor nesta tarefa, uma vez que em sua maioria são caracterizados por uma visão fragmentada, tradicional do processo histórico. Outra situação é que, por conta de certa carência de autonomia na prática educativa, os professores acabam ministrando o conteúdo do livro didático como um saber concreto e indiscutível, prendendo-se apenas a ele. “O livro deixa de ser uma referência de consulta para a preparação das aulas e passa a ser a única fonte” (BARBOSA, 2006, p. 60). Por consequência, conforme o professor limita sua prática docente, os educandos acabam tornando-se passivos em sua aprendizagem, submissos ao conteúdo que for ministrado sem caráter social.

Portanto, além de apontar a diversidade da sociedade brasileira como algo a ser considerado, os Parâmetros reconhecem a autonomia intelectual, pedagógica e política dos professores e das instituições de ensino. E essas são condições fundamentais para que a história local possa vir a se colocar como uma alternativa viável, pois a falta de autonomia pode contribuir para que professores e instituições de ensino, acabem seguindo apenas uma história de conhecimento geral.

Diante disso, a história local acaba por tomar “um caráter parcial, que não ensina, não educa, não promove o raciocínio e a reflexão” (BARBOSA, 2006, p. 64). Sendo assim, com essa prática limitada aos livros didáticos, acaba levando o aluno a pensar que sua história não tem valor, que sua história não é história e faz parte do coletivo. E ao sentir seu passado desprovido de valor, o aluno poderá também subestimar o seu papel como transformador do presente, apenas vindo a aceitar o que a sociedade impõe.

Com base nisso, o ensino e a aprendizagem de história no ensino fundamental estão diretamente ligados ao trabalho do professor, o qual deve conduzir o aluno na leitura das diversas formas de informação, podendo ser elas os livros com análise crítica, músicas e poesias, as fotografias, o patrimônio histórico material e imaterial, documentos, assim como depoimentos orais, com a visão histórica dos fatos e dos agentes.

Desta forma, o professor tem um papel fundamental na construção do saber histórico que será mediado para o aluno. Para isso, o professor, além de mediador, deve ser também um pesquisador e produtor do conhecimento e não apenas um

mero executor de saberes produzidos nos livros didáticos, mas precisa melhorar cada vez mais seu ensino.

Segundo Bittencourt (2009), torna-se difícil entendermos a aplicação de qualquer sugestão, seja nos currículos ou mesmo em parâmetros, sem a necessária formação do professor, sem a interação entre o conhecimento prévio desses alunos e professores e o conhecimento sistematizado oferecido pelo guia curricular e pelos livros didáticos. Tratando-se em questão do ensino de história local, o professor pode se questionar sobre o que ele sabe da localidade em que instrui, o que sabe sobre os seus alunos, e qual seria a sua identidade social e cultural com este lugar, etc. Não basta apenas falarmos sobre datas e personagens, mas sim, apontar o contexto do fato, como era a sociedade na época em questão, como pensavam e o como isso interfere ou não na realidade vivenciada atualmente por eles. Mostrar que fazem parte dessa história e que podem se posicionar ativamente nas transformações da sociedade.

Diante do exposto, o ensino de história local tem importância no ensino fundamental pela possibilidade de iniciar a formação de um raciocínio histórico que considere o indivíduo e a coletividade, abrangendo as relações sociais estabelecidas na realidade mais próxima. Ao abordar a história cotidiana e dos fatos presentes, pode-se resgatar o passado e o analisar através de variadas formas já citadas anteriormente, exigindo do professor:

[...] a habilidade de buscar sentido e significado para o conhecimento que ministra e, isso significa superar a mera transmissão de informações, já que essa não tem por finalidade o desenvolvimento intelectual, mas, ao contrário, deforma a capacidade de pensamento histórico do aluno e a possibilidade de consolidar habilidades de análise da própria realidade social (BARBOSA, 2006, p. 67).

Em síntese, o estudo de história local nos anos iniciais deve partir da própria história de vida do aluno, avançando para o estudo da história local que deve ser apresentada como algo que seja capaz de despertar a apreciação por parte do aluno e colaborar para a compreensão do mundo e da realidade onde vive.

### **3.2 A História Local e a construção de identidades**

Conforme foi apresentado anteriormente, fica evidente que o aluno deve começar estudando história pelo seu local, para que ele adquira uma melhor noção

de espaço e tempo histórico, para que ele possa ser capaz de compreender outros períodos da história da humanidade. Isso se dá através de um processo de construção de significado sobre o seu passado. Existem várias possibilidades para se trabalhar a história local como estratégia de aprendizagem, como a de inserir o aluno no local do qual é parte, auxiliando na criação de seu pensamento histórico e da sua identidade dele, fazendo-o refletir sobre a realidade que o cerca. A história local pode fornecer os atributos necessários para o aluno se relacionar com a história da pluralidade, onde todos os sujeitos da história tenham voz. Sendo assim, levando em consideração que as escolas devem contribuir na formação da identidade territorial local, o ensino de História Local faz parte do processo de construção da identidade, tendo em vista que a identificação do território é consequência da construção da identidade.

O aprendizado da história local leva ao desenvolvimento de uma melhor apropriação da realidade, que começa a se construir no espaço familiar e que vai ampliando-se aos poucos com o processo educacional, partindo dos primeiros anos da educação básica, fazendo assim que o processo identitário do indivíduo e dele com a realidade que o cerca, ambos se fortaleçam.

Conhecer e valorizar as identidades sociais pode promover no indivíduo uma nova postura diante dos conflitos que se apresentam, além de reflexões com maior complexidade sobre as suas responsabilidades enquanto sujeito histórico. Pensar historicamente nos permite conhecer um pouco mais sobre a vida e suas pluralidades numa perspectiva mais humana (CANDOTI, 2013, p. 298).

Nesse sentido, o desafio da produção e ensino do conhecimento histórico é favorecer o desenvolvimento de valores voltados para o respeito do outro, para a construção de relações solidárias e também para a afirmação das mudanças e permanências que marcam as identidades sociais.

Afinal, numa sociedade em que coexistem diversas identidades e que suas influências se entrelaçam mutuamente, os trabalhos de história local, a prática dos historiadores e dos professores, assim como os currículos, as produções didáticas e demais recursos de ensino devem evitar fazer da História a “ciência do passado”, reconhecendo o compromisso com o presente e fugindo da ideia de uma ciência pretensamente neutra. Quando se trata da educação histórica escolar, o modo como serão abordados e a perspectiva a partir da qual os processos históricos serão tomados e interpretados deve ser o elemento central na elaboração e execução das

finalidades do currículo. Com isso, ressalta-se a importância de um currículo cuidadosamente elaborado e corretamente difundido, pois ao considerar que o currículo é um artefato cultural, fica evidente que ao escolher finalidades e conteúdos de ensino, ele assume a possibilidade de interferir na cultura que é difundida e legitimada pela instituição escolar.

Ao relacionar aspectos do passado que ainda estão presentes nos espaços de convívio, podemos ter a identificação e a valorização identitária dos alunos. Para isso, a memória apresenta grande importância, atuando como base da identidade, pois é por meio dela que chegamos à história local, o que destaca a importância de uma história que estabeleça vínculos com a família, a comunidade, o lazer e etc. (BITTENCOURT, 2009).

Assim, uma reinterpretação coerente e integradora das dimensões sociais e culturais do local, devem ser feitas abordando o espaço histórico e cultural sem reduzi-lo apenas a uma ideia ou perspectiva. Em outras palavras, procura-se garantir por intermédio dos trabalhos de história local a especificidade dos sujeitos, dos acontecimentos e dos lugares históricos. Em decorrência disso, institui-se nos estudos históricos com ênfase no local um processo caracterizado pela afirmação da contribuição dos grupos sociais não dominantes na formação de uma identidade comum.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao longo deste trabalho e em diálogo com os diversos autores que buscam repensar e redirecionar um ensino de História utilizando da História Local nos anos iniciais do ensino fundamental, ficou evidente a sua importância para a constituição de um ensino crítico, transformador e representativo, no cotidiano das interações pedagógicas entre professores e os alunos e em especial, as crianças que geralmente são poupadas de criticidade.

Atualmente, ainda há marcas da herança do ensino tradicional com narrativas e abordagens históricas de heroicos romantizados, com um ensino decorativo. Contudo, esse cenário vem mudando, mesmo que a passos lentos, no que se pôde observar na trajetória histórica da história local como disciplina escolar. O cotidiano ganhou mais destaque, mas muito ainda precisa ser feito. Ainda se faz necessário resgatar as culturas produzidas pelas comunidades tradicionais, os patrimônios



materiais e imateriais e adicioná-los ao currículo escolar, para que também possam ser contemplados na aprendizagem dos alunos.

E muito ainda pode ser feito, começando pela formação de professores, para que possam dominar melhor os métodos e estratégias que podem ser utilizados, assim como seus recursos, obtendo maior autonomia didática, pois estes são responsáveis pelas abordagens, e os mesmos possuem outros papéis nessa situação, tornando-se também pesquisadores e mediadores desse processo. Com isso, podem aprimorar sua prática pedagógica, criar estratégias didáticas, usar de métodos e metodologias de acordo com seu diagnóstico de turma, buscando uma formação integral do educando.

Ensinar história local não é substituir ou esquecer o ensino da história mais geral, mas trata-se de um aprimoramento da história enquanto disciplina escolar, para que o educando possa ter o conhecimento que o seu cotidiano, a sua comunidade, o seu local também possuem sua história e importância. Não devemos difundir uma única história, pois dela pode-se gerar estereótipos, que acabam gerando informações incompletas; dar destaque apenas para figuras heroicas e de classes mais favorecidas, faz com que o educando não se veja como um indivíduo que também faz parte dessa história, sendo um dos construtores dela. É importante que a História seja entendida como o resultado da ação de diferentes grupos ou classes da sociedade e não como resultado das ideias e ações de poucos.

Trabalhar a História Local permite ao sujeito compreender o que aconteceu e o que acontece na sua localidade, auxilia no desenvolvimento de uma consciência mais crítica e humana. Com ela, o aluno passa a se reconhecer em relação aos outros, criando sua identidade e fortalecendo seu senso de cidadania, solidariedade e de respeito a diversidade encontrada na sociedade, o que favorece suas relações sociais e contribui para sua formação enquanto um ser sociocultural, possuidor de uma historicidade e de uma identidade singular, mas que se contempla na coletividade e que nela é um agente transformador.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, V. DE L. **Ensino de História local: redescobrimo sentidos.** Sæculum – Revista de História, n. 15, 31 dez. 2006.

BARROS, C. H. F. **Ensino de História, memória e história local.** Rev. Hist. UEG - Porangatu, v.2, n.1, p.301-321, jan./jul. 2013.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: Fundamentos e Métodos.** Editora Cortez: São Paulo, 2009.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. (Org.). **O Saber Histórico na Sala de Aula.** Editora Contexto: São Paulo, 2009. (Repensando o Ensino).

BORGES, Vavy Pacheco. **O que é história.** Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Editora Brasiliense, 2000.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação.** São Paulo: Brasiliense, 2007.

BRASIL. Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, 2006. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm)>. Acesso em 30 de abril de 2018.

BRASIL. (MEC), Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** 2018. Disponível em:<<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em 30 de abril de 2018.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: história e geografia.** Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro051.pdf>>. Acesso em 30 de abril de 2018.

CANDOTI, E. A. **O ensino de história nos anos iniciais:** apontamentos no processo de construção do conhecimento histórico. História & Ensino, v. 19, p. 285-301, 2013.  
FONSECA, Selva Guimarães. **Caminhos da história ensinada.** Campinas: Papirus, 1993.

CANDOT, E.. **Didática e Prática de Ensino de História:** experiências, reflexões e aprendizados. 7 ed. São Paulo: Papirus, 2003.

FONSECA, Thais Nívia de Lima e. **História & Ensino de História.** 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

GONÇALVES, M. A. História Local: o reconhecimento da identidade pelo caminho da insignificância In: MONTEIRO, A. M. F. C. et alii. **Ensino de História: Sujeitos, saberes e práticas** – Rio de Janeiro: Mauad X / FAPERJ, 2007.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico.** São Paulo: Editora Atlas, 1992. 4ª ed. p.43 e 44.

NEVES, Joana. **História Local e Construção da Identidade Social.** Saeculum – Revista de História. João Pessoa: Departamento de História da Universidade Federal da Paraíba, n. 3, jan./dez. 1997.

NIKITIUK, Sônia Maria Leite. **Repensando o ensino de história**. 4. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

NIKITIUK, Sônia Maria Leite. **Um processo coletivo de formação continuada pelos caminhos da história local**. 2000. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

OLIVEIRA, S. R. F. de. O ensino de história nas séries iniciais: cruzando as fronteiras entre a História e a Pedagogia. **História & Ensino**: Revista do Laboratório de Ensino de História/UEL. vol. 9. Londrina: UEL, out. 2003. p. 259 – 272.